

**Representações em Torno da Maternidade: Do Elogio à Crítica Social**  
**Representations Around Maternity: From Praise to Social Critics**  
**Representaciones em Torno de la Maternidad: Del Elogia a la Crítica Social**

Recebido: 15/06/2019 | Revisado: 21/06/2019 | Aceito: 22/07/2019 | Publicado: 25/07/2019

**Cristia Rodrigues Miranda**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8893-6951>

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

E-mail: [cristiamiranda@gmail.com](mailto:cristiamiranda@gmail.com)

**Priscilla Chantal Duarte Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5148-2423>

Universidade Federal de Itajubá, Brasil

E-mail: [priscillachantal@unifei.edu.br](mailto:priscillachantal@unifei.edu.br)

**Ricardo Shitsuka**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2630-1541>

Universidade Federal de Itajubá, Brasil

E-mail: [rshitsuka@uol.com.br](mailto:rshitsuka@uol.com.br)

**Resumo**

O objetivo deste estudo é investigar como o problema da construção do feminino se materializa discursiva e retoricamente. Mais especificamente, como os elogios e críticas sobre maternidade, nas redes sociais (blogs), elogiam ou criticam o tema em questão. Para tanto, analisou-se o aspecto retórico epidíctico, por meio da análise dos argumentos amplificadores, categorizados na forma de discursos relatados, e suas manifestações discursivas nas heterogeneidades enunciativas (discurso direto, indireto, indireto livre). A partir da análise, foi possível concluir que as representações acerca da maternidade constroem o feminino por meio do elogio e também da crítica acerca da maternidade. Tais representações do feminino, por meio da crítica da maternidade, revelam crenças e valores socialmente compartilhados sobre o papel social da maternidade, ao mesmo tempo em que forças de militância sobre o papel social da mulher vem sendo levantadas.

**Palavras-chave:** Representação; Mãe; Feminino; Mulher; Discurso.

## **Abstract**

The social networks help to circulate themes related to the social roles that women play and that contribute to the formation of the construction of an identity of the feminine. The objective of this study is to investigate how the problem of the construction of the feminine materializes discursively and rhetorically. More specifically, such as praise and criticism about motherhood, social networks (blogs) praise or criticize the issue in question. The analysis of the amplifying arguments, categorized in the form of discourses reported, and their discursive manifestations in the enunciative heterogeneities (direct, indirect, indirect free speech) were analyzed. From the analysis, it was possible to conclude that through praise, criticism has been implanted in these discourses, revealing socially shared beliefs and values while militant forces on the social role of women have been raised.

**Keywords:** Representation; Mom; Female; Woman; Speech.

## **Resumen**

El objetivo de este estudio es investigar cómo el problema de la construcción del femenino se materializa discursiva y retóricamente. Más específicamente, como los elogios y críticas sobre maternidad, en las redes sociales (blogs), elogian o critican el tema en cuestión. Para ello, se analizó el aspecto retórico epidíctico, por medio del análisis de los argumentos amplificadores, categorizados en la forma de discursos relatados, y sus manifestaciones discursivas en las heterogeneidades enunciativas (discurso directo, indirecto, indirecto libre). A partir del análisis, fue posible concluir que las representaciones acerca de la maternidad construyen lo femenino por medio del elogio y también de la crítica acerca de la maternidad. Estas representaciones de lo femenino, por medio de la crítica de la maternidad, revelan creencias y valores socialmente compartidos sobre el papel social de la maternidad, al mismo tiempo que las fuerzas de militancia sobre el papel social de la mujer vienen siendo levantadas.

**Palabras clave:** Representación; Madre; Femenina; Las mujeres; Discurso.

## **1. Introdução**

Muito se tem discutido, tanto no âmbito acadêmico, quanto fora dele, as representações sociais construídas em torno do feminino na sociedade contemporânea. No âmbito acadêmico, correntes teóricas da: antropologia, sociologia, teoria literária, crítica da cultura, psicologia social, do discurso, entre outras, tentam examinar quais os aspectos da construção do feminino estariam relacionados aos papéis sociais desempenhados pela mulher

na sociedade contemporânea que coexistem juntamente com o feminismo teórico. Nos estudos discursivos, o tema tem, muitas vezes, erigido como objeto discursivo construído, direta ou indiretamente.

O objetivo deste estudo é investigar como o problema da construção do feminino se materializa discursiva e retoricamente. Ora, a construção do feminino como um espaço discurso tem sido abordado por meio dos imaginários, das representações e tem se feito notar, discursivamente, pelos lugares de fala que ‘permitem’, por assim dizer, essas construções. O processo discursivo da construção do feminino pode ser pensado a partir da relação entre as representações, os imaginários sociais e a relação entre o indivíduo e as ideologias. Ora, é nessa relação que os indivíduos se tornam sujeito – tanto interpelado pela ideologia (como pensou Althusser, Foucault e, de certo modo Pecheux), ou como sujeito multifacetado, polifônico, cindido e decentrado, dos estudos pós-estruturalistas, especialmente Bakhtin. Sobre o sujeito interpelado pela ideologia, destacam-se as posições- sujeito que é a forma como o Estado regula os processos de individuação do sujeito (Orlandi, 2001 p. 101). Nesse sentido, como nos lembra Zoppi-Fontana (2017), os processos de individuação do Estado e os processos de dominação e poder que configuram uma formação social e as identificações de gênero trabalham os processos imaginários de reconhecimento de outras formas de existência produzidas por processos de subjetivação.

No jogo especular de reconhecimento das formações imaginárias e de projeções antecipadas que decantam diversos modos de estar no mundo, ser reconhecido e se reconhecer em relação ao funcionamento social e histórico das masculinidades e das feminilidades, em toda a sua dimensão contraditória e equívoca, faz parte da constituição do sujeito do discurso (Zoppi-Fontana, 2017 p. 65).

Esse reconhecimento das formações imaginárias, segundo a mesma autora, se faz notar por meio dos lugares de enunciação que configuram um modo de dizer (circulação, legitimidade, organização enunciativa) e que também são afetados pelos processos históricos de silenciamento (Orlandi, 1990).

Tais processos de constituição do sujeito do feminino, pode ser notado, sobretudo, em trabalhos em mídia, publicidade, discurso político, jurídico, entre outros. No que se refere ao nosso objeto, podemos afirmar que a construção da maternidade, como um ‘lugar de fala’ do feminino é um lugar discursivo que se configura retórica e enunciativamente por lugares específicos que levam em conta, por exemplo, os papéis sociais que ‘caberiam’ à mulher, depois da maternidade

No plano enunciativo, pode-se afirmar de antemão que a própria maternidade elege lugares de fala em que se é permitido determinadas enunciações, e negadas outras tantas. Com efeito, na esfera pública, vários domínios, tais como: a publicidade e as redes sociais fazem circular temáticas relacionadas aos papéis sociais que a mulher exerce e que contribuem para a formação da construção de uma identidade do feminino. Nesse artigo, pretendemos problematizar a relação entre a construção do feminino pelo viés da construção do objeto discursivo: maternidade como um lugar de fala do feminino.

Do ponto de vista discursivo e retórico, é nosso interesse saber como o lugar enunciativo da maternidade se materializa no discurso, apontando para o elogio ou para a crítica<sup>1</sup>, em torno desse objeto. A materialização enunciativo/discursiva da construção da representação da maternidade deixa resvalar, a nosso ver, um problema retórico. Dito de outro modo, a construção da representação da maternidade estaria relacionada à maneira como se elogia, ou se menospreza, o feminino, perante a seus papéis sociais, de tal modo que possamos considerar, de maneira hipotética, que o elogio (e ou a crítica) desse objeto é uma forma de construção discursiva do feminino em que as enunciações erigem como que apontando para doxas presentes. Logo, faz-se necessária uma análise teórica que investigue o problema discursivo e retórico em que pesem:

- ✓ A construção dos argumentos epidícticos (entimemas), mais especificamente, a amplificação<sup>2</sup>;
- ✓ A maneira como a enunciação constrói os pontos de vista que apontam para o elogio e a crítica da maternidade e,
- ✓ Como o jogo da construção enunciativa do lugar de fala da mulher, na maternidade, compõe o feminino contemporâneo, apontando para os problemas vigentes na constituição das identidades.

---

<sup>1</sup> O gênero epidíctico é comumente tratado como Retórica do Elogio (tradicionalmente tido como o gênero das laudações). Nos estudos clássicos, o epidíctico era caracterizado como por sua natureza encomiástica Pernot (1991): ou seja, tratava de exaltar as características do objeto em questão, elogiando ou criticando-os. Transpondo para as abordagens atuais, como as de Dominicy (2001) e Danblon (2001, 2005), ao tratamos do elogio/ou crítica, estaremos nos referindo a esse tipo de fazer retórico: que tem como objetivo elogiar/ou criticar um determinado objeto discursivo.

<sup>2</sup> A amplificação é reconhecida como uma argumentação especificamente epidíctica que tem sua natureza entimemática (ou seja, os raciocínios do Tipo inconcluso) mas que têm valor de argumento retórico. Danblon (2001).

Para análise, escolhemos como corpus de investigação um conjunto de *blogs*, disponíveis em *websites*, cuja temática principal é a maternidade, contendo tanto o caráter de crítica, quanto de elogio acerca do objeto em questão. Neles, as autoras constroem relatos de caráter biográficos, dão informação e oferecem dicas aos seus leitores(as), em torno de assuntos relacionados à maternidade. Muitos dos textos, dizem respeito a auxílios de caráter de autoajuda, nos quais as mães internautas, muitas vezes, se amparam. Outras possuem uma vertente militante que claramente denunciam as formas e violências sofridas pela mulher, na condição da maternidade, como a violência obstétrica, por exemplo. Os blogs escolhidos para análise são: *Quartinho da Dany: um blog sobre maternidade e infância*, (<http://www.quartinhodadany.com.br/>) e *Cientista que virou mãe*. Os temas escolhidos, nos quais se discutem são: puerpério, profissão, rede de apoio etc.

O caminho de análise metodológica escolhido é analisar a estratégia argumentativa da construção do elogio; ou seja, analisaremos como os pseudoargumentos constroem a estratégia argumentativa do elogio. Como categorias linguístico-discursiva, consideraremos os discursos relatados e suas maneiras de inscrição no discurso (através do fenômeno das heterogeneidades mostradas - discursos direto, direto e indireto livre - que demarcam linguística e discursivamente os argumentos amplificadores ou pseudoargumentos.

Nesse sentido, estaremos considerando que a construção discursiva do objeto da maternidade, nos *blogs* de maternidade, possui um aspecto retórico-referencial, a saber o elogio e ou a crítica, por meio da amplificação desse objeto. Desse modo, o elogio retórico, diferente dos gêneros deliberativos e judiciários, nos quais se verificam verdadeiros combates em torno da razão, perpassa a dimensão argumentativa Amossy (2011) e esta pode ser construída por meio das asserções e dos discursos relatados. Podemos perceber que, tanto nas asserções, quanto nos discursos relatados, a amplificação pode ser construída. Escolhemos para esse trabalho analisar o elogio retórico a partir dos discursos relatados e o seu caráter amplificador.

## **2. Retórica do Elogio**

A tripartição da Retórica Clássica em gêneros está intimamente ligada à atuação das provas retóricas e sua eficácia no discurso. Embora esse enquadramento em gêneros da Retórica se atribua, também, a outros pensadores, contemporâneos e predecessores de

Aristóteles<sup>3</sup>, é a classificação aristotélica, através da tripartição em gêneros que ficou mais conhecida no pensamento ocidental: gênero deliberativo, gênero judiciário e gênero epidítico. Para essa classificação, Aristóteles tomava como um dos parâmetros principais para o enquadramento em gêneros, o ouvinte (*pathos*) e o seu papel de atuação na cena discursiva. Em cada um deles, o auditório constituía-se por: i) membros de uma assembleia (deliberativo); ii) juízes de um tribunal (judiciário); iii) expectadores de uma cerimônia (epidítico). Segundo alguns críticos de Aristóteles, no que concerne ao epidítico, tal como Pernot (2001), ao atribuir um papel menos responsivo ao auditório, no epidítico, Aristóteles atribui a esse gênero uma função menos importante na Retórica. Por outro lado, se o Gênero Epidítico possui uma função social menor por que motivos pode-se integrá-lo à Retórica, como pleiteia Danblon (2001)? Torna-se interessante investigar essa questão.

Pernot (2001) se dedica a explorar a função social do epidítico, como uma das mais importantes atividades do mundo greco-latino. Pare ele, tanto nas laudações (discursos fúnebres), ou nos encômions (vários campos de atividade humana) como os teatros, as cerimônias em casamento, políticas etc, a retórica do elogio e crítica eram atividades primordiais. Para Pernot os laços de coesão social são fortemente aprimorados nas atividades de elogio, ou de crítica, pois diferente de Aristóteles, Pernot (1991) considerava que, para que o objeto fosse construído através da louvação, ou da crítica, os elos entre orador e auditório precisavam ser facilmente identificados no discurso, por meio de uma plataforma comum de valores.

O Tratado da Nova Retórica, Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) é, na atualidade, um dos marcos teóricos que ressalta a retomada e a valorização da Retórica para a compreensão do funcionamento da lógica discursiva no mundo moderno. Constitui-se um marco, também, por devolver os estudos da argumentação<sup>4</sup> aos estudos da linguagem, sobretudo aos estudos discursivos. No que concerne ao epidítico, este passa a ser caracterizado como lugar privilegiado, no qual se destaca um papel central na arte de persuadir. “[...] e a incompreensão manifestada a seu respeito resulta de uma concepção errônea dos efeitos da argumentação” (Perelman & Olbrechts-Tyteca, (2005, p. 40). Estes evidenciam que o epidítico é um gênero que propicia a educação (pelo exemplo) e a

---

<sup>3</sup>Conforme se pode atestar através dos estudos de Pernot (2000), acerca do epidítico e seu percurso de valorização/desvalorização no mundo greco-romano.

<sup>4</sup> A argumentação ficara, desde o declínio da Retórica, e o aparecimento da Gramática e da Lógica destinada a campos como a demonstração e à lógica formal.

propaganda (a amplificação). Como ressalta que vivemos sobre o século da propaganda podemos inferir que ele ressalta o domínio do epidítico como central nas atividades argumentativas dos discursos modernos.

Partindo desse mesmo raciocínio, Danblon (2001) questiona sobre qual seria o papel do epidítico e se a sua intenção seria manipular, persuadindo. Ora, se em termos pragmáticos, o efeito retórico (ou de adesão) é diferente dos outros gêneros, importa questionar por que o epidítico, considerado um gênero de menor importância, foi integrado à Retórica. Se a sua importância concerne ao valor estilístico de suas proposições, ou se sendo ele considerado um gênero de menor importância, ele deveria pertencer a *techné* poética e, Pernot (1993, 2000) retoma as questões. Ampliando a discussão proposta por Pernot (1993, 2000), Danblon (2001) estabelece uma análise diferenciada à caracterização do gênero epidítico, partindo do problema da integração entre as provas retóricas.

[...] cada um dos três gêneros é caracterizado por Aristóteles em virtude de critérios específicos. Para compreender essa classificação, é preciso lembrar que, segundo o filósofo, o objetivo da atividade retórica é a produção, por parte do auditório, de um julgamento que se baseia naquilo que é apresentado pelo orador (Danblon, 2005 p. 22, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Segundo essa abordagem, acerca da tripartição aristotélica, a classificação dos gêneros versa sobre a função de julgamento atribuída ao auditório. Ora, sob esse aspecto, salienta Danblon (2001), os discursos epidíticos versam sobre os problemas que já foram julgados, no sentido de que não há uma posição a se tomar. Talvez, por esse motivo, na classificação aristotélica, convencionou-se atribuir ao epidítico um papel de menor importância, uma vez que não cabia mais ao auditório o papel de julgar uma matéria controversa, pois ela já estava julgada. Sendo assim, nos gêneros judiciário e deliberativo, a finalidade deontica (de julgamento) é a natureza útil ou inútil de uma decisão.

O orador do deliberativo aconselha ou não aconselha, e o auditório decide. No gênero judiciário, de finalidade epistêmico, o objeto do discurso é o julgamento, se a natureza das ações imputadas a um agente são ou não justas. O orador do judiciário acusa ou defende, e o auditório julga (Danblon, 2005 p. 22, tradução nossa).

---

<sup>5</sup>[...] *chacun des trois genres est caractérisé par Aristote en vertu de critères spécifiques. Pour comprendre cette classification, il faut se rappeler que, selon Aristote, l'activité rhétorique a pour fin un jugement que l'auditoire doit produire sur la base de ce que lui présente l'orateur* (Danblon, 2005 p. 22)<sup>5</sup>.

A finalidade deôntica define o papel do auditório de aconselhar, defender ou julgar. E, sendo assim, reforça-se o laço entre orador, discurso e auditório; ou, entre *ethos*, *logos* e *pathos*, e diminui-se a força argumentativa das proposições no epidíctico, caso se considere que o que está sendo apreciado é a capacidade e a finalidade estética da exposição (laudação/*enkómion*). A natureza deôntica das ações do auditório, frente ao papel exercido pelo orador, permite que os gêneros - deliberativo e judiciário - apresentem uma argumentação em torno da disputa pela razão, ou pelo razoável, que transforma os discursos em verdadeiros “combates argumentativos”, nos quais se podem reconhecer as matérias controversas (*Ibid*, 2001).

A persuasão, como efeito do empreendimento retórico, produz o efeito de adesão nos gêneros em questão. Entretanto, também no epidíctico, o efeito de adesão existe mas é pré-existente. Ou seja, a adesão consiste naquilo que une orador e auditório, ao objeto referenciado: a plataforma de valores, nos termos de Cassin (1990). O que une orador e auditório não é um assentimento à tese em questão. Ora, se o epidíctico possui um efeito de evidência, que se deixa revelar nas asserções - ‘*Catherine c’est belle*’-, significa que o elogio é uma espécie de exclamação que o orador deixa escapar quase como uma ‘significação natural’, nos termos de Grize (1990), pois parece estar colado ao objeto invariavelmente. Desse modo, caberia ao orador mostrar essas evidências, por meio do elogio, e ao auditório caberia reconhecer esses valores, que já estariam lá no objeto. Esse efeito de evidência, e que o elogio imprime ao objeto discursivo, só é possível pelo fato de que orador e auditório se apoiam na homonóia que é o elo coesivo que une a plataforma comum de valores.

Desse modo, concordamos com Danblon (2001) quando defende que não há que se considerar, tal como fez Aristóteles, o epidíctico como um gênero de menor importância. Se assim o fosse, e se suas características fossem menos retóricas e mais estilísticas, era mais útil integrá-lo à *techné* poética. Ora, se ainda podemos considerar o epidíctico como um gênero retórico podemos mencionar a dimensão integrativa dos valores que une as provas retóricas, a natureza inferencial dos argumentos epidícticos e, a sua dimensão cognitiva do elogio.

### **3. Os argumentos epidícticos: a natureza cognitiva das amplificações**

A amplificação como técnica argumentativa visa salientar as virtudes do objeto louvado, ou as visões prototípicas/estereotipadas dele. Disso reconhece-se uma dimensão puramente emotiva, ou perceptual, que liga o discurso ao seu orador, através dos valores que o orador supõe que o auditório neles reconhecerá.

Por esse aspecto, considera-se, também, que a estratégia da amplificação do epidítico seja reconhecida de maneira diferente, se comparada com as dos gêneros deliberativo e judiciário, respectivamente, o exemplo e o entimema. Esses processos inconclusos de pensamento, mas razoáveis, são também amplificadores, e, por isso, podem ser considerados argumentos epidíticos. Desse modo, a natureza inferencial da amplificação não se dá mesma maneira que nos argumentos retóricos em outros gêneros[...] ou se preferimos não se trata de um esquema argumentativo que o orador convida o auditório a percorrer (Dominicy, 1996, p. 69, tradução nossa).<sup>6</sup>

O argumento da amplificação não se apresenta como um argumento intencionalmente utilizado em virtude de persuadir o auditório. Ele se apresenta como um tipo de exclamação que o orador deixa escapar e parece constituir-se como um argumento “natural”, e que o auditório (*pathos*) reconhecerá facilmente (Danblon, 2001). Desse modo, a função do orador é resgatar o que já está lá no objeto e, amparado em valores, se presume que será facilmente reconhecido pelo auditório.

Ademais, a amplificação (como estratégia de argumentação epidítica) não aciona apenas elementos emocionais<sup>7</sup>, mas conduz ao razoável, a partir do raciocínio entimemático. O gênero epidítico age, dessa forma, reforçando a adesão em torno dos valores (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 1958, 2005), pois não parte de um esquema argumentativo (do tipo do raciocínio silogístico) que o orador convida o auditório a percorrer (Dominicy, 2001), mas amplifica as características do objeto em questão construindo o efeito de evidência, pois ativam elementos que desencadeiam essa racionalidade.

De modo semelhante, o efeito de evidência diminui as intenções de persuasão, no sentido de forçar o interlocutor a uma tomada de decisão, ou ainda, a um fazer crer, em um dos caminhos que o assentimento da tese propõe. Ora, se não existe uma escolha de uma ação a se conduzir, podemos igualmente dizer que, ao propor o reconhecimento de valores que se pressupõem, que já estão lá. Caso partamos do pressuposto de que o discurso epidítico é desenvolvido por uma cultura que considera os discursos como fatores de coesão social, é preciso considerar que a *doxa*, ou a *homonóia*, nos termos de Cassin (1990, 1995), é elemento para a construção da argumentação epidítica. Aristóteles considera que a função principal da linguagem é a assertiva, ou seja, a função de construir verdades e proposições para o mundo. Por outro lado, tem-se que o discurso é o centro da vida política e por ele circulam os fatores

---

<sup>6</sup> “[...] ou, si l’on préfère, il ne s’agit pas d’un chemin argumentatif que l’orateur invite l’auditoire à parcourir.” (Dominicy, 1996, p. 69)

<sup>7</sup> Evidenciados, por exemplo, pelos atos ilocutórios expressivos, exclamativos.

de coesão entre os cidadãos, ou seja, os valores, ou a doxa (Cassin, 1990). Nesse caso, então, a linguagem teria função assertiva, pois, para garantir a coesão da “*pólis*”, a linguagem retórica não teria o objetivo de conduzir a uma verdade, ou de descobri-la mas de descrever tanto quanto for possível a realidade que nos cerca por meio dos laços de coesão social que os valores da doxa, através das asserções.

Por esse aspecto, a problemática epidítica pode ser considerada uma problemática representacional, na qual os valores exercem uma função preponderante para a construção do “efeito de evidência”. E mais ainda, se a construção do elogio se dá por raciocínios entimemáticos, com elementos razoáveis, e não apenas emocionais, podemos inferir que a orientação argumentativa nos faz pensar que os processos referenciais podem ser estratégias de construção do elogio. Essa função de coesão estabelece uma relação em que o objeto louvado se configura como a encarnação das virtudes dos cidadãos e com a coesão social. A retórica epidítica é, com efeito, a retórica dos valores, pois depende dos fatores de coesão social para construir efeitos de evidência, de realidade e para construir o objeto de julgamento.

#### **4. A metodologia e o caminho argumentativo da amplificação**

A pesquisa é a busca por novos saberes. Para que ela seja científica, trabalha-se com uma metodologia que indica os caminhos percorridos. Quando a pesquisa é realizada em ambientes sociais com pessoa como consideram Pereira, Shitsuka, Parreira & Shitsuka (2018) ela é uma pesquisa social e que é de natureza qualitativa quando se buscam interpretações dos fenômenos em observação. A artigo trabalha-se uma pesquisa social, qualitativa na qual se emprega a análise do discurso na escola francesa para estudar o fenômeno relacionados aos enunciados e representações em torno da maternidade obtidos em instrumentos do nosso tempo como é o caso dos *blogs* em *websites*.

Se os efeitos de evidência e o grau de assertividade são responsáveis, em grande medida, pelo engendramento da argumentação, podemos analisar como a argumentação contida na amplificação se constrói discursivamente. A natureza inferencial do argumento amplificador do epidítico constrói uma estratégia diferente de persuasão.

Como vimos na sessão anterior, uma estratégia da amplificação é fazer com que o elogio, como efeito de evidência possa pertencer a uma espécie de “significação natural” colada ao objeto, nos termos de Grize (1990), como se o elogio/ou a crítica estivessem colados ao objeto, e que o locutor, por sua retórica, deixasse escapar, por uma espécie de

exclamação produz um efeito de evidência em torno do objeto discursivo. Desse modo, os efeitos de evidência, pelas asserções, e os discursos relatados são capazes de construir esses apagamentos. Nesse artigo, analisaremos os discursos relatados como estratégia de discretização da orientação argumentativa, ou, como aponta Rabatel (2013), que conduz, também, à construção retórica do elogio.

Para que o objeto louvado possa ser considerado digno de elogio, ou de crítica, é preciso, ainda, que “ele construa uma encenação de condições naturais e consiga estabelecer, entre a instância de produção e de recepção, predisposições individuais e coletivas” (Miranda, 2017 p.80). Nesse sentido, essa significação natural que o elogio precisa ressaltar passa a ser uma problemática dos valores, pois precisa ativar um conhecimento de mundo, na forma de discursos sociais pressupostamente comungados entre os interlocutores, que constroem o efeito de evidência.

## 5. Os discursos relatados e a construção do elogio

Sob o ponto de vista retórico, o discurso de autoridade é um recurso frequentemente utilizado na argumentação, principalmente quando se exime o orador/locutor da responsabilidade enunciativa. Portanto, existe nessa estratégia ainda que de maneira indireta uma problemática relacionada ao *ethos*.

Dito de outro modo, o *ethos*, que é fiador de uma credibilidade ligada a *phrónesis*, *areté* e *eunóia* (ou seja, ligada às virtudes), precisa ser construído a partir dos valores que presumem ser caros também a um outro trazido para a cena discursiva. Esse outro seria o sujeito do auditório a quem se quer atribui maior credibilidade e que, por sua vez, está em uma relação de superioridade ao orador. Existem argumentos aos quais se atribui mais prestígio quando tributados a outros que, presumidamente, se supõe ter, por uma série de fatores, maior credibilidade. Segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca 2005, p. 348), “[...] o argumento de prestígio mais nitidamente caracterizado é o argumento de autoridade, o qual utiliza atos ou juízos de uma pessoa como meio de prova a favor de uma tese”.

Sob o ponto de vista enunciativo-discursivo, é importante destacar que o argumento de autoridade é essencialmente heterogêneo e polifônico: pois conjuga uma série de vozes, ou enunciados, ou pontos de vista, em torno de um ponto de vista principal (a tese). O fenômeno da heterogeneidade discursiva é tributário dos estudos de Authier-Revuz (2004b), que distingue a marca da presença do discurso do outro em dois tipos de heterogeneidade enunciativa: a mostrada e a constitutiva. Para nós, a coexistência de vozes no discurso é

importante porque constrói uma orientação argumentativa ao nível do elogio, ora amplificando, ora demonstrando o objeto discursivo. Eles organizam um determinado consenso aparente, mesmo que essas vozes possam ser ora hierarquizadas, ora equipolentes, como queria Bakhtin (1995). As heterogeneidades constitutiva e mostrada constituem, assim, uma marca dos estudos discursivos para o fenômeno da polifonia descrito nos estudos filológicos de Bakhtin (1995).

Retomando a questão dos discursos relatados, os trabalhos de Authier-Revuz (1998, 2004a, 2004b) analisam os processos enunciativos que visam reconhecer a presença do outro nos discursos. Sendo assim, reitera dois processos igualmente recorrentes, na forma como considera as heterogeneidades, constitutiva e a mostrada no discurso, sendo essa última marcada (por aspas, travessão, no discurso monológico escrito).

Como argumento amplificador, no epidítico, os discursos relatados, mais que revelar essa forma de heterogeneidade, marcam a inter-relação entre o social e o enunciativo; de tal modo que revelam os lugares de fala, que atravessam as representações por meio do interdiscurso. Assim, para que as vozes que circulam, por meio da voz do locutor, possam funcionar como formas de modalização (entendida como a presença de pontos de vista concordantes, ou conflitantes) que ratificam a tese do locutor, ou as rejeitam, é preciso que o interlocutor possa ser capaz de acionar os discursos sociais.

Essa relação entre os interdiscursos que circulam nos discursos relatados (tanto as formas de heterogeneidades constitutivas e as mostradas) é que, para nós, constroem o efeito de evidência como argumento amplificador. Consideradas como processos distintos, a heterogeneidade constitutiva é definida como “[...] processos reais de constituição dum discurso”, e remete às maneiras de rearranjos do interdiscurso nas materialidades discursivas. A heterogeneidade mostrada, por sua vez, define-se como “[...] processos de representação, num discurso, de sua constituição” (Authier-Revuz, 1998, p.32). É importante ressaltar que abordagens dessas heterogeneidades apontam para, discursivamente, um melhor entendimento do que seja a relação da subjetividade como orientação dos pontos de vista.

Do ponto de vista retórico, podemos afirmar que, igualmente, as heterogeneidades apontam para a constituição e composição do orador, já que remontam às estratégias do locutor de distribuir a responsabilidade enunciativa, ou os pontos de vista contidos no enunciado, e de construir a orientação argumentativa com as outras vozes do discurso. Dessa forma, os pontos de vista são distribuídos em proposições que modalizam o elogio/crítica, ou o amplificam, e constroem uma credibilidade compartilhada entre o Locutor principal e os

outros, que por meio dessas heterogeneidades (discurso direto, indireto, e indireto livre, ironia), constrói os argumentos amplificadores.

As vozes são importantes, em maior ou menor grau, para a construção do elogio. Sem perder de vista essa característica constitutiva de todo discurso, a temática da heterogeneidade pressuposta atribui ao sujeito locutor seu descentramento e, ao Outro um papel primordial na argumentação.

Do ponto de vista analítico-metodológico, nos referiremos aos discursos relatados à nomenclatura utilizada por Authier-Revuz (1998): heterogeneidade mostrada marcada e não marcada. Consideramos que esses processos são notoriamente importantes para a composição da cena retórica, e conseqüentemente da cena epidítica, sendo a heterogeneidade um fator determinante na construção do elogio, pela imagem que se constrói do objeto discursivo. Desse modo, as heterogeneidades mostradas definem-se “[...] como formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso” (*Ibidem*, 1998, p. 26). As heterogeneidades mostradas marcadas consideram, do ponto de vista linguístico, algumas marcas como as glosas, as aspas (para o discurso direto), as alterações sintáticas simples com os verbos *dicendi* (para o discurso indireto).

Sobretudo no que se refere, ao nosso objeto, as heterogeneidades revelam que a maternidade, como objeto discursivo, é construído por meio de enunciações que criticam e elogiam a maternidade e revelam que as locutoras partem de vários outros lugares de fala relacionados ao feminino, como veremos na análise do *corpus*.

## **6. Os relatos autobiográficos: as heterogeneidades no relato em *blogs* sobre maternidade**

Os *blogs* sobre maternidade analisados possuem características em comum: um grande número de seguidores, uma *home page* bem construída, com vários *hyperlinks* que dividem o grande tema da maternidade em seções. São assuntos corriqueiros, informativos, biográficos, por meio dos quais as autoras compartilham experiências suas e/ou de outras leitoras. Como recorte temático, escolhemos textos que trazem relatos e impressões pessoais acerca de experiências das autoras dos *blogs*, e das leitoras com a maternidade. Vale destacar que, para análise da construção do objeto maternidade, sob o viés do elogio e/ou da crítica, destacamos “*Amo meus filhos /odeio ser mãe*” - da plataforma *Cientista que virou mãe*. Todos os excertos dos textos aqui discutidos e analisados encontram-se disponibilizados na plataforma.

O texto relata, em primeira pessoa, uma situação corriqueira para introduzir a sua tese, mas com um olhar crítico que a autora detém sobre a cena: na cena relatada, a autora está conversando com outras duas mães, todas grávidas, e todas, também, com uma experiência anterior sobre a maternidade, pois estavam esperando o segundo filho. Segundo o relato da autora, todas exclamam elogios acerca da maternidade. A locutora relata a fala das outras mães em discurso indireto introduzido pelo verbo *dicendi* “falava” em: “A atendente *falava* que estava ansiosa para ter o seu bebê. A outra dizia que era uma delícia, a melhor coisa do mundo”.

A plataforma tem uma vertente militante, pois apoia mulheres grávidas, puérperas, e mães de maneira geral. Possui, ainda, um viés de cunho político, no sentido de que há um posicionamento das autoras com temas da maternidade ligados à direitos sociais, tais como :acerca da maternidade que são adotados pelo relato. Respondem pelo blog três autoras. Com o título, *Amo meu filho, e odeio ser mãe* a autora do texto relata uma interação e uma conversa informal com duas outras mulheres que, a exemplo da autora, também estão grávidas. Na construção do relato, ela surpreende as outras personagens da cena ao comentar:

E1	“Lembro da primeira vez que recebi um olhar torto por jogar a real sobre a maternidade”. Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviromãe.com.br">www.cientistaqueviromãe</a> >. Acesso em: 14 de junho de 2019.
E2	“Não aquela maternidade fofa, onde o bebê é lindo e cada gritinho estridente é música para os nossos ouvidos”. Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviromãe.com.br">www.cientistaqueviromãe</a> >. Acesso em: 14 de junho de 2019.

Nesse excerto do texto, uma vez considerada a tese contida em [E1] “recebi um olhar torto sobre jogar a real sobre a maternidade”, o seu argumento contido em [E2] no qual podemos identificar a ironia contida nos discursos indireto livre, na presença de termos como “maternidade fofa”, e “gritinho estridente música para os nossos ouvidos”.

Ora o suposto “elogio” contido em E2 sobre a maternidade é marcado pela “ironia”, pois a responsabilidade enunciativa para esses elogios não recai sobre o ponto de vista que o Locutor principal parece defender. Desse modo, ‘jogar a real’ sobre a maternidade parece apontar para as críticas acerca de um tema que, geralmente, é visto sobre invólucros de muitos elogios. Desse modo, a autora convoca para a cena enunciativa os lugares de fala da mulher que, nesse espaço, precisa alertar outras mulheres acerca das ‘agruras’ dessa nova função social que estará a exercer. Mas, ao lembrar que as críticas serão acionadas ela evoca outros imaginários acerca da maternidade, na qual a penas os elogios são possíveis. Afinal, a maternidade sempre foi vista como algo sublime e muito pouco discutida sob outro ponto de

vista, relatando os problemas decorrentes dela. Nesse sentido, o argumento amplificador, a partir desse discurso relatado (heterogeneidade mostrada/não marcada), recai exatamente pelo sentido oposto que o elogio do enunciado aponta, ou seja, para a crítica.

O próprio título contendo a asserção “amo meus filhos odeio ser mãe” já traz consigo uma ambivalência contida nos termos lexicais (amo/odeio) que se evidenciará enunciativamente na construção do em torno do objeto. Logo, a conjugação do conflito reside entre o amor ao filho e o repúdio à maternidade que marca a tensão entre o elogio e crítica acerca do objeto em questão que convoca, por meio do interdiscursivo, imaginários contrários acerca da construção do feminino.

O locutor do texto aciona os lugares do elogio à maternidade para criticá-las e escolhe, para isso, como viés discursivo, a ironia, através do discurso direto livre que, para nós, ganha o status retórico de argumento amplificador. Em outro trecho, podemos destacar:

E3	<i>“Pela expressão na cara das duas, eu provavelmente pareci uma assassina psicopata louca que deveria ser internada agora já[...]”</i> . Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviroumãe.com">www.cientistaqueviroumãe</a> >. Acesso em: 14 de junho de 2019.
E4	<i>“Que tipo de mãe fala isso, certo? Eu deveria ser realmente uma pessoa péssima [...]”</i> . Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviroumãe.com">www.cientistaqueviroumãe</a> >. Acesso em: 14 de junho de 2019.
E5	<i>“Quem, em sã consciência, tem vontade de se matar tendo um bebê fofo, risonho e cheiroso?”</i> . Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviroumãe.com">www.cientistaqueviroumãe</a> >. Acesso em: 14 de junho de 2019.

Mais uma vez, os discursos relatados indicam *E4* e *E5* a presença de vozes, ou de pontos de vista, que expressam uma orientação argumentativa diferente daquela que parece ser a do Locutor, ou da autora. Ou seja, o Locutor aciona lugares enunciativos que parecem criticar o ponto de vista da tese principal: a de que, às vezes, a maternidade não ‘é uma delícia’, como é discursivamente compartilhado, e que às vezes “dá vontade de se matar”. Os argumentos amplificadores se constroem, linguisticamente, nesses excertos, principalmente, pela estratégia da pergunta – retórica, o verbo no pretérito perfeito (deveria ser uma pessoa péssima), e mais uma frase interrogativa em que o locutor pressupõe o julgamento das interlocutoras, após ter relatado parte de uma conversa em que todas elogiam a maternidade, dizendo ser ‘uma delícia’. E a locutora relata, em forma de discurso direto a sua própria fala:

E6	<i>“É uma delícia mesmo. Mas tem hora que dá vontade de se matar”</i> . Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviroumãe.com">www.cientistaqueviroumãe</a> >. Acesso em: 14 de junho de 2019.
----	--

Também nesses casos, os enunciados (E3, E4, E5) enquanto discursos relatados em forma de heterogeneidade mostrada, atuam como argumentos amplificadores da crítica acerca da maternidade, através da ironia que os discursos relatados de outrem trazem como uma marca da polifonia presente no texto que conjugam crítica e elogio. Afinal, representa as vozes de várias mulheres que compartilham da mesma opinião e também de crenças discursivas e socialmente construídas acerca da maternidade como sonho de toda mulher. Para reforçar a tese de que a maternidade é árdua, ou para criticá-la, tem-se a asserção:

E7	<i>“Em um mundo onde caminhamos em desigualdade desde antes de nascer (vide as meninas que são abortadas na Índia pelo fato de serem... meninas)”</i> . Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviroumãe.com">www.cientistaqueviroumãe</a> >. Acesso em: 14 de junho de 2019.
----	--

Nesses enunciados a locutora do texto ressalta a desigualdade como característica determinante ao gênero feminino e, para argumentar, faz uso do exemplo em que fetos não têm direito à vida. O enunciado marca a desigualdade, o acesso a poucos direitos, ou a direitos essenciais, como a vida, como algo importante a se enfatizar. Consequentemente, as críticas que ratificam o ponto de vista principal da locutora, estão estreitamente ligadas às condições humanas de vida, relacionadas à construção do feminino e os imaginários que cercam a construção desse gênero.

Para dar amplificação a esse ponto de vista (da desigualdade) temos os seguintes relatos, em forma de discurso direto livre que vêm após a asserção:

E8	<i>“As fantasias de namoro? Uma família lindíssima, talvez um cachorro. Será que ele será um bom pai? E agora o bebê nasceu, o que faço com o trabalho? Não, não posso querer trabalhar, seria muito egoísmo da minha parte. Nossa, talvez eu não deva reclamar tanto das noites em claro sozinha, poderia ser bem pior. Eu poderia não ter um marido e meu filho. Droga, já faz meses que o bebê nasceu, mas ainda não voltei ao meu peso... Daqui a pouco vão achar que eu não me cuido. Será que meu marido está reparando nisso? Será que eu deveria dar mais atenção a ele? Mas eu me sinto tão cansada, às vezes só quero dormir... Mas bem, quem falou que seria fácil, não é?”</i> . Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviroumãe.com">www.cientistaqueviroumãe</a> >. Acesso em: 14 de junho de 2019.
----	---

Todos esses discursos relatados retomam o conflito que, retirado da doxa (ou das opiniões comuns) materializam os conflitos que perpassam a vivência da maternidade. Funcionam, pois, como argumentos amplificadores da crítica sustentada pelo locutor

principal, acerca do objeto maternidade. Tanto que é ratificada, em outro parágrafo, pela asserção:

E9	<i>“A historinha (verídica!) que contei ali em cima é o resumo de ser mãe na sociedade atual”</i> . Disponível em: <a href="http://www.cientistaqueviroumãe.com">www.cientistaqueviroumãe.com</a> . Acesso em: 14 de junho de 2019.
----	---

Em outro texto, da mesma plataforma, intitulado: *As mulheres e o pós-parto – A voz das brasileiras. O texto relata, sob o status de uma tese, a quantidade de comentários que uma grávida e puérpera terá de conviver. Relata, ainda, que após a chegada do bebê as perguntas mudam:*

E10	<i>“Dorme bem? Quantas vezes acorda para mamar? Como foi o parto? Está mamando? No peito ou na mamadeira? Já introduziu outros alimentos? Já engatinhou? E os dentinhos? E o cocô? E seu peso, já voltou ao que era? Já foi pra creche? [...]”</i> . Disponível em: <a href="http://www.cientistaqueviroumãe.com">www.cientistaqueviroumãe.com</a> . Acesso em: 14 de junho de 2019.
-----	--

Os discursos relatados aqui, em forma de discursos indiretos livres, visam amplificar a tese de que a atenção das pessoas, o cuidado e a preocupação, após o nascimento do filho, recai inteiramente sobre o bebê, e que há mais críticas sobre a mãe do que preocupação com ela. Tanto que a descrição desses relatos termina com a conclusão: sobre como todos os comentários e perguntas incidem sobre o bebê; quando, então o locutor propõe as perguntas que deveriam ser dirigidas às puérperas.

E10	<i>“Como você está? Você está bem? Como está sua adaptação? Como estão seus sentimentos? Posso te ajudar? Como posso te ajudar? Do que você está precisando? Quer falar sobre isso? [...]”</i> Disponível em: <a href="http://www.cientistaqueviroumãe.com">www.cientistaqueviroumãe.com</a> . Acesso em: 14 de junho de 2019.
-----	--

E em seguida passa a construir o relato de modo a evocar os elogios sobre a maternidade para, depois, refutá-los ou criticá-los; em uma encenação dialógica que expõe o ponto de vista da doxa (em forma de uma série de evocação de opiniões comuns) e o do locutor. Esses casos o dialogismo e a polifonia expõem o elogio à maternidade, bem como sua crítica.

E11	<i>“Enquanto continuamos a falar coisas incríveis sobre parto, sobre ser mãe, sobre o nascimento do bebê, sobre a imensidão deste amor, sobre como seu primeiro sorrisinho é</i>
-----	--

<p><i>inebriante (e é, é mesmo), sobre como cheirinho de bebê em casa é incrível (e é, é mesmo), enquanto cercamos a maternidade e a chegada de um bebê com uma aura de encantamento e deslumbre, deixamos de falar sobre algo que, SIM, PRECISAMOS FALAR: sobre como tudo isso pode ser difícil. E doloroso. E sofrido. E solitário. E desafiador. E sim, pode ser mesmo. Muito</i>". Disponível em: &lt;<a href="http://www.cientistaqueviroumãe.com">www.cientistaqueviroumãe</a>&gt;. Acesso em: 14 de junho de 2019.</p>
---

Os discursos relatados, com a opinião corrente sobre a maternidade “*coisas incríveis sobre o parto, sobre o nascimento do bebê, sobre a imensidão deste amor/ sobre como sorrzinho é inebriante (e é mesmo)*” a locutora ratifica todos os pontos de vista para, em seguida, confrontá-los com outra voz, a que conjuga a opinião dominante do texto: a de que a maternidade precisa ser vista sobre outro ângulo. Esse confronto de pontos de vista, e ou de opiniões, ajudam a construir a crítica sobre o objeto em questão. O advérbio “enquanto” que conclui a tese sobre como a maternidade é elogiada “com uma aura de encantamento” é confrontado com o contra-argumento que parece ser o ‘ponto de vista, ou a tese do locutor principal: “*deixamos de falar sobre algo que SIM PRECISAMOS FALAR sobre como tudo isso pode ser difícil, e doloroso e sofrido e solitário e sim, pode ser mesmo, muito*”.

Se os discursos relatados, em forma de heterogeneidade mostrada/ não marcada, (os discursos indiretos livre), por meio da ironia, apontam falsamente para o elogio, acerca do tema em questão, o contra-argumento parece concluir a crítica acerca da maternidade, ratificando a tese de que a maternidade e o pós-parto podem ser muito difíceis, diferente do que aponta a opinião comum. A partir daí uma série de asserções, em formas de discurso indireto livre, construídos em primeira pessoa, serão amplificadores da crítica sobre a maternidade:

E12	<p><i>“E nos sentimos sozinhas. E achamos que não vamos dar conta. Que não vamos conseguir. Que nunca mais seremos as mesmas. Sentimos que algo nasceu e algo morreu. Que algo foi encontrado e que algo se perdeu. E nos sentimos incompreendidas, desamparadas, secundárias ou terciárias na ordem do dia, estranhas, incapazes de lidar com as dificuldades. E não podemos fingir que isso não acontece. Porque acontece sim”</i>. Disponível em: &lt;<a href="http://www.cientistaqueviroumãe.com">www.cientistaqueviroumãe</a>&gt;. Acesso em: 14 de junho de 2019.</p>
-----	--

Esses enunciados justapostos representam o ponto de vista que sustenta a tese do locutor principal em que reside a crítica sobre a maternidade. Ademais, o uso da primeira pessoa no plural, configura-se como um lugar da enunciação que mobiliza uma convocação do imaginário configurando ao enunciado uma força performativa, pois convoca o auditório à adesão a partir dos imaginários que ele supostamente possui.

Funcionam, pois, como argumentos amplificadores que, por meio dos discursos indiretos livres, parecem lembrar aos interlocutores que essas sensações são também suas (e achamos que não vamos dar conta, que não vamos conseguir... e nos sentimos sozinhos).

## **7. Análise de Resultados e Considerações Finais**

No presente estudo se investigou o problema da construção do feminino se materializa discursiva e retoricamente. Foi possível perceber como, retoricamente, os argumentos amplificadores (entimemas) foram capazes de construir o reforço à adesão em torno do objeto discursivo da maternidade, através do elogio e da crítica. Os elogios à maternidade, e atribuídos a outrem, por meio dos discursos indiretos, indireto-livre, e algumas formas de ironia apontam para as representações vigentes, tanto da maternidade, quanto da construção identitária do feminino: nesse sentido a maternidade é vinculada a determinadas funções sociais tradicionalmente atribuídas à mulher: daquela que se realiza na maternidade.

Porém as críticas feministas, especialmente a partir das Teorias Reprodutivas, trataram de questionar as práticas sociais que a maternidade põe em jogo. Nesse sentido, como afirmamos acima, os argumentos parecem acionar o efeito de evidência, atribuindo uma crítica ao objeto de discurso, a partir de valores que são compartilhados, supostamente pelos interlocutores, embora conflitantes com os elogios acerca do mesmo objeto. Como nos lembrou Danblon (2011), os argumentos (entimemas) epidílicos, os do auditório.

Ora, tais críticas acionadas em primeira pessoa do plural, nas quais o locutor parece se unir ao interlocutor, deixam vir à tona as impressões e valores em torno desse objeto discursivo, ou as características do objeto criticado, de maneira espontânea, quase natural. No caso, as críticas em torno da maternidade evidenciam sensações e valores que entram em conflito com determinados discursos sociais vigentes: o locutor deixa resvalar os imaginários em torno da maternidade que centram-se na discursivização da construção da mulher enquanto sujeito que, em sua forma-sujeito é determinada, politicamente, pela maternidade, enquanto função social. “a maternidade começava, então a ser compreendida como uma questão construção social, que designava o lugar da família e da sociedade, isto é , a causa principal da dominação do sexo masculino sobre o sexo feminino” (Scavone, 2017, p33).

Ora, a politização das questões privadas eclodiu com o feminismo moderno, e o corpus em questão mostra como, discursivamente, as questões acerca das identidades de gêneros perpassam o objeto maternidade. Como no corpus observado, as críticas acerca da

maternidade que giram em torno da conciliação desse novo papel social e a conjugação desse com outros que a mulher possui, como os papéis sociais do mundo trabalho, por exemplo. Deixa evidenciar, portanto, determinados valores ainda latentes à maternidade: como a de que a responsabilidade com o recém-nascido recai, sobretudo, à mãe; evidenciando como, ideologicamente, as posições de sujeitos da mulher são perpassadas pelas determinações históricas da construção dessa identidade da mulher-mãe.

Essas críticas deixam resvalar esses valores em conflito, em forma de ‘evidências’, um já está lá: como no caso do corpus analisado, o discurso em primeira pessoa, as sensações sobre a maternidade, pressupostamente compartilhadas entre os interlocutores, os valores em torno delas que evidenciam o conflito entre os papéis sociais atribuídos à mulher (profissional, gerenciadora do lar, esposa etc) frente ao papel dessa, na maternidade (essencialmente, aquela que será a maior responsável por todas as demandas do bebê, e que, obrigatoriamente, deve dar conta de todas elas), ou após ela.

Observamos, sobretudo, que ao evidenciar o objeto discursivo através da crítica, os argumentos amplificadores do epidídico, além de funcionar como raciocínios inconclusos, acionam uma plataforma comum, nos termos de Cassin (1990), e valores que ligam os interlocutores. Mas diferente da opinião vigente, essa plataforma de valores parece estar subjacente àquela que elogia o objeto louvado; talvez, por isso, ela precisa ser acionada. Como bem lembra Danblon (2001) o epidídico é o gênero mais retórico de todos pois atua de modo a engendrar uma *mise-em-scène* na qual os valores têm um lugar preponderante.

Desse modo, o epidídico atua, no nosso século, como gênero que propicia a propagação e a difusão dos valores. No caso do objeto discursivo em análise, através do nosso corpus, foi possível evidenciar, através dos discursos relatados, mais especificamente, dos discursos indiretos livres, os argumentos amplificadores e as representações sociais que o fundamentava, ligados aos papéis sociais da mulher e da mãe:

Ao acionar essa plataforma comum de valores, constatamos que o objeto discursivo ‘maternidade’ relaciona os problemas sociais ligados ao papel que a mulher exerce, nas instâncias econômica, do trabalho, psicológica, afetiva, familiar, entre outros, tais como a atribuição do papel social da mulher/mãe se relaciona a outros papéis sociais construídos para/pela mulher. Essa construção do papel social da mulher traz, linguisticamente marcados, os valores que se harmonizam ou se chocam com essa construção, tais como os lugares (*topoi*) relacionados à profissão, engajamento político e ideológico, empoderamento feminino, e, por que não afirmar, também à maternidade. Esse lugar é muitas das vezes negligenciado, como um lugar de conflito.

A maternidade é representada, na maioria das vezes, como um objeto carregado de valores positivos, a maioria deles relacionados à realização da mulher com/na maternidade, tais como felicidade, plenitude, realização completa, harmonia, paz, construção de família, alteridade, etc. Por outro lado, a conjugação desses valores com outros como realização profissional, desafios, provisão do lar, novos arranjos familiares, como nos casos da mãe solo etc., trazem conflitos a esse novo papel social da mulher. A mãe que precisa exercer vários outros papéis sociais junto com a maternidade e isso se torna, muitas vezes, desafiador, difícil, e até sofrido.

Importante destacar que, seja qual for a nossa análise junto de valores que regem uma determinada manifestação discursiva, e a maneira como ela se cristaliza na infraestrutura, é, de certo modo, verificar que a problemática representacional está presente na cena epidídica.

Especificamente, nesse trabalho, a problemática representacional nos apontou que a construção do feminino, na contemporaneidade, dá-se por vias ideológicas políticas, nas quais, durante várias décadas, as mulheres questionaram, por diferentes instâncias, os seus papéis sociais negligenciados, as várias formas de violência sofridas nas esferas familiares, profissional, moral sexual, e como a sociedade pode (re)pensar essa condição minoritária.

A construção retórica da maternidade e os argumentos utilizados para evidenciar a crítica em torno da representação da maternidade coloca em cena várias representações lugares e papéis sociais da mulher na sociedade. Surge, além da luta, com viés político, produção intelectual artística, a crítica literária que afirmam lugares de enunciação que “são regidos pelo imaginário”. Dessa forma, a amplificação da maternidade, através da crítica deixa resvalar as representações e os imaginários sobre o papel social da maternidade e os sujeitos que ela representa: não são os lugares empíricos (da mãe, da mulher) mas imagens que nossa sociedade constrói para eles (Zoppi-Fontana, 2001 p. 34). E esses lugares enunciativos firmam-se em valores que se transmite, por via retórica epidídica, pois parecem reforçar a adesão em torno dos valores existentes: alguns, como os da crítica, que estão subjacentes à plataforma de valores.

Acrescentamos a isso que os lugares de enunciação são considerados a partir das relações de força que constituem as condições de produção desses discursos. Assim, a construção do objeto discurso ‘maternidade’, por meio da *mise-en-scène* do elogio/crítica, poderá constituir-se como uma parte fundamental dos discursos de representação da maternidade.

## Referências

- Amossy, R. (2011). Argumentação e análise do discurso perspectivas teóricas e recortes disciplinares. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*. (1) :129-144.
- Authier-Revuz, J. (1998). *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Ed. da Unicamp, Campinas/SP.
- Authier-Revuz, J. (2004a). *Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso*. In: Authier-Revuz, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. EDIPUCRS, Porto Alegre/RS.
- Authier-Revuz, J. (2004b). *Heterogeneidades e rupturas*. In: Authier-Revuz, J. **Entre a transparência e a opacidade, um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDI-PUCRS, p. 173-189.
- Authier-Revuz, J.. (2012). *O problema do ser em Aristóteles: ensaio sobre a problemática aristotélica*. Ed. Paulus, São Paulo/SP.
- Bakhtin, M. (1995). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Hucitec, São Paulo/SP.
- Bocchi, A. F.A. (2016). A militância feminista na Web: o funcionamento da argumentação em discursos sobre a violência no parto. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, 16(2):309-328.
- Cassin, B. (1990). *Ensaio sofisticos*. Ed. Siciliano, São Paulo/SP.
- Cassin, B. (1995). *L'effet sophistique*. Gallimard, Paris.
- Danblon, E. (2001). *La rationalité du discours épideictique*. In: DOMINICY, M.; FRÉDÉRIC, M. (Org.). **La mise-en-scène des valeurs**. La rhétorique de l'éloge et du blâme. Delachaux et Niestlé, Paris, p.19-47.

Danblon, E. (2005). *La fonction persuasive*. Armand Colin, Paris, 2005.

Danblon, E. (2011). *La rhétorique: a la recherche d'un paradigme perdu*. Dans A Contrario, (16).

Dominicy, M. (1996). Le genre epidictique: une argumentation sans questionnement? In: HOGGAERT, Corinne. *Argumentation et questionnement*. Presses Universitaires de France, Bruxelles.

Dominicy, M. (2001). *L'epidictique et la theorie de la decision*. Madeleine, F. & Dominicy, M. (Org.). **La mise-en-scène des valeurs**. La rhétorique de l'éloge et du blâme. Delachaux et Niestlé, Paris. p. 19-47.

Emediato, W. (Org.) (2013). *A construção da opinião na mídia*. NAD/FALE/UFMG, Belo Horizonte, p. 40-45.

Grize, J. B.(1990). *Logique et langage*. Operas, Paris.

Miranda, C. R.(2007). *Quando descrever é representar: uma análise das páginas amarelas da Revista Veja*. 2007. 161 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del Rei.

Pereira, A.S., Shitsuka, D.M., Parreira, F.J. & Shitsuka, R. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [E-book]. Ed. UAB/NTE/UFSM, Santa Maria/RS. Disponível em: <[http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic\\_Computacao\\_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1](http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 15 junho 2019.

Perelman, C. & Obrechts-Tyteca, L (1958) (2005). *Nova Retórica: Tratado da Argumentação*. Martins Fontes, São Paulo/SP.

Pernot, L. (1991). *L'empreinte d'Hermès Logios: une citation d'Aelius Aristide chez Julien et chez Damascius*. Rendiconti dell'Accademia di... Brill, Leyde.

Pernot, L.(1993). *La rhétorique de l'éloge dans le monde gréco-romain*. Institut d'Études Augustiniennes/ Centre Nacional Du Livre, Paris. Tomos I e II.

Pernot, L. (2000). *La rhétorique dans l'Antiquité*, Paris.

Pernot, L. (2001). *O papel do enunciador na construção interacional dos pontos de vista*. In: Zoppi-Fontana, M. (2001). Lugares de enunciação e discurso. **CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2**, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará.

Rabatel, A. (2013). Empathie et émotions argumentées en discours. *Le discours et la langue*, 4(1):159-178.

**Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Cristia Rodrigues Miranda - 40%

Priscilla Chantal Duarte Silva - 40%

Ricardo Shitsuka - 20%